

MIGRAÇÃO: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE PAULO

*Flávio Schmitt**

Resumo

A sociedade atual assiste perplexa à evolução dos movimentos migratórios que se avolumam por todos os cantos do planeta. Embora seja um fenômeno presente em todas as sociedades e em todos os tempos, as proporções e implicações dos atuais fluxos migratórios exigem a atenção cada vez maior dos mais diferentes setores da sociedade. Para alguns a migração é um problema. Para outros é a solução. Também a Bíblia testemunha a ocorrência de fenômenos migratórios. Nela as mais diferentes situações são apontadas para a ocorrência do fenômeno. Inclusive, a migração é estimulada. O presente texto percorre a narrativa bíblica, especialmente o testemunho de Paulo, perscrutando implicações do fenômeno migratório na disseminação da fé cristã. O objetivo é contribuir na discussão do tema. Chamar atenção para um aspecto não sempre considerado nas discussões: a migração como oportunidade. Há uma correlação entre viagens missionárias e processos migratórios. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Migração. Paulo. Viagens Missionárias.

Abstract

The actual society is watching perplexed the evolution of migratory movements that grow in every corner of the planet. Although this is a phenomena presented in all societies and in all times, the proportion and implication of the actual migratory flow requires a bigger attention from the diferent sectors of the society of all the time. For some migration is a problem. For others a solution. Also the Bible witnesses frequently migratory phenomena. Inside this text different situations are poitend out for this phenomena occurence. Further more, migration is encouraged. This text addresses biblical narrative, specialy Paulus exploring implications of the migratory phenomenon in dissemination of the christian faith. The objective is to contribute with the subject discussion and call the attention to one aspect not

* Flávio Schmitt é doutor em Ciências da Religião pela UMESP, professor nas Faculdades EST em São Leopoldo/RS. E-mail: Flavio@Est.edu.br.

always considered: migration as an opportunity. There is a connection between mission trips and migratory processes. This text is a bibliographic revision work.

Keywords: *Migration. Paul. Mission trips.*

Introdução

Migração não é um fenômeno novo. As páginas da história recente do Brasil e da América Latina registram as levas de migrantes que partiram de áreas e regiões rurais em direção aos grandes centros urbanos em busca de emprego e melhores condições de vida.

Estudiosos de diferentes áreas do conhecimento têm se dedicado à compreensão do fenômeno que ocorre na atualidade. As crescentes levas de migrantes, oriundas de continentes cada vez mais empobrecidos pela dinâmica da economia neoliberal deste início de século, e direcionadas para os grandes centros, especialmente da Europa, não são frutos do acaso, muito menos vítimas da fatalidade do destino. Assim como no passado, também as migrações atuais são uma consequência direta das decisões de governantes, agentes econômicos, povos e pessoas.

Para a grande maioria das pessoas implicadas nos movimentos migratórios da atualidade o fenômeno vem acompanhado de situações de violência, abuso de poder, humilhação, fome, maus-tratos, violação de direitos, e um sem número de questões que ignoram os supostos avanços e conquistas da sociedade pós-moderna.

Por outro lado, o fenômeno também se reveste de uma ocasião ímpar para expressar acolhida, hospitalidade, solidariedade e oportunidade. O presente texto lança um olhar sobre a migração e seu impacto na atividade missionária do apóstolo Paulo. Tem o objetivo de resgatar uma dimensão positiva inerente a todo processo migratório, por mais traumático que este possa se apresentar.

1. As migrações na Bíblia

A Bíblia é um registro ímpar para compreender os fenômenos migratórios de ontem e de hoje. Logo nos primeiros capítulos do Gênesis, Abraão é chamado a sair de sua terra e se dirigir à terra para a qual Deus haveria de conduzi-lo (Gn 12,1-4). Esta memória que faz Israel remontar à origem semita será preservada em hinos culturais e confissões (Js 24,2-13; Sl 105) em diferentes tradições veterotestamentárias.

Sob a ordem de Deus a Abraão subsiste um fenômeno social que hoje somente podemos reconstruir parcialmente. Embora não possamos reconstituir as

causas desta migração em seus detalhes, a pesquisa tem apontado para diferentes situações possíveis. Especificamente no caso de Abraão e seus familiares, acredita-se que se trata de um fenômeno denominado como transmigração¹. Este tipo de migração geralmente está ligado a eventos climáticos e alguma convulsão social. Eventos climáticos estão condicionados às intempéries naturais (seca, enchente, peste). Convulsões sociais estão relacionadas com acontecimentos de natureza política e econômica (guerras, revoltas, fome).

Por se assemelhar a uma ponte entre as civilizações do Nilo e da Mesopotâmia, a terra de Israel, que serve de palco para as narrativas do Antigo Testamento, também serve de palco para as migrações. “É passagem de produtos que do Egito se dirigem à Síria e Mesopotâmia ou vice-versa”². Como terra de passagem, “Canaã foi alvo de sucessivas imigrações que integraram à população ‘nativa’ diversos contingentes”³. Inclusive, na confissão de fé mais antiga de Israel (Dt 26,5-9), o Êxodo do Egito, trata justamente de uma saída, de uma emigração.

A saga de José também ilustra o fenômeno migratório testemunhado no Antigo Testamento. A tradição assinala que José foi arrastado para o Egito por seus irmãos. Na terra do faraó alcançou altas honrarias (Gn 37,39-50). Contudo, os nômades que imigraram no Egito com José, por razões desconhecidas, não foram absorvidos pela civilização local. Por isso, Gessen (Gn 45,10), o território da terra do faraó Ramsés (Gn 47,11) onde o grupo migrante de José foi assentado, foi também o ponto de partida para a saída (Ex 12,37; Nm 33,3.5), para emigração⁴.

A história familiar contada no livro de Rute também está inserida neste mesmo quadro. O livro de Rute trata de duas mulheres cujo destino está em suas próprias mãos.

A narrativa do livro de Rute é compacta e clara. Por causa da fome, Elimelec, junto com sua mulher Noemi e seus dois filhos Maalon e Quelion têm que sair de Belém, justamente a cidade que, no original, significa “casa de pão”. No entanto, como seria de se esperar a partir de outros relatos bíblicos sobre crises de fome, a família não segue para o Egito ou para a terra dos filisteus, mas vai para a terra de Moab (1,1-4).

1. Diferente da transumância praticada pelos nômades das estepes entre o inverno chuvoso e o verão seco da Palestina, a transmigração é um fenômeno que comporta o deslocamento de levas de contingentes populacionais de um espaço geográfico a outro. Cf. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*, v. 1, 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2010, p. 51.

2. SCHWANTES, Milton. *História de Israel*: vol. 1: local e origens. 3. ed. com alterações e ampliações. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 24.

3. SCHWANTES, 2008, p. 37.

4. DONNER, 2010, v. 1, p.103.

Elimelec e sua família permanecem em Moab dez longos anos como gerim – cidadãos sob proteção. Elimelec vem a falecer (1,3). Os dois filhos casam com mulheres moabitas – Orfa e Rute (1,4)⁵.

Porém, os filhos de Noemi também morrem. Noemi decide então voltar para sua terra. Embora tenha aconselhado as noras a voltarem ao convívio de suas famílias, Rute é irredutível e decide acompanhar a sogra no regresso a sua terra natal. Rute e Noemi, nora e sogra, deixam Moab e retornam para Belém, onde entrementes a situação de fome havia mudado.

A história de Rute, de Jonas, a diáspora do povo de Israel por ocasião da deportação para a Babilônia, bem como algumas narrativas apócrifas, apenas reforçam a constatação de que o testemunho do povo de Deus no Antigo Testamento está diretamente relacionado com a migração de pessoas, famílias e povos.

Ao percorrermos as páginas do Antigo Testamento torna-se praticamente impossível não se deparar com situações onde questões relacionadas à migração estejam implicadas. Também neste sentido, o Novo Testamento está em continuidade com o testamento que lhe antecede.

2. A *Pax Romana*

A era de Augusto não somente foi saudada como um tempo de paz e prosperidade, mas criou as condições para a ocorrência de uma intensa mobilidade no âmbito do império. Poetas, oradores e historiadores saudaram a época de Augusto como a Idade do Ouro, a “época melhor e mais feliz da História do universo”⁶.

A paz é considerada a principal característica desta época. Paz no Império e segurança nas fronteiras. Desta forma, a desordem e revolta foram extintas. “Em toda parte foi estabelecida a ordem e luz clara na vida e no Estado; apareceram leis e os altares dos deuses encontraram fé”⁷.

O altar da paz de Augusto, localizado no Campo de Marte, era um altar de holocaustos. Este dado por si mostra a natureza desta paz. Esta paz proporcionada pelo poder romano estava assentada no terror e na insegurança. Por isso a paz

5. KLEIN, Renate Andrea. *Todas as pessoas são estrangeiras – em quase todos os lugares’: aspectos da teologia pós-exílica nos exemplos de Rute e de Jonas*, p. 103: “A relação para com moabitas e amonitas é ambivalente. Moab e Amon têm grau de parentesco com Israel via Ló, sobrinho de Abraão. Mas o simples fato de sua descendência incestuosa evidencia claramente a tendência ao distanciamento em relação a eles” (Gn 19,30-38).

6. WENGST, Klaus. *Pax romana: pretensão e realidade: experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 15.

7. Frase atribuída a Aristides. Cf. WENGST, 1991, p. 16.

também era temida. “A paz estabelecida e mantida com meios militares é acompanhada de rios de sangue e lágrimas”⁸.

Dentre as condições proporcionadas pela paz de Augusto está a mobilidade. “Alto grau de mobilidade caracterizava o Império Romano no século I”⁹. Embora, segundo Stegemann, a mobilidade social esteja mais presente no estrato superior, especialmente para a ordem dos cavaleiros e senadores, não é exclusividade destes¹⁰. Tanto as exigências militares quanto os negócios “movimentam largos segmentos da sociedade pelas franjas do mundo mediterrâneo”¹¹.

Nesse período, viajar tornou-se mais fácil que nunca numa grande extensão de território. Todas as cidades e províncias do império estavam ligadas por estradas. As patrulhas do exército reduziam os perigos para os viajantes. O poder romano mantinha o mar livre de piratas. Uma moeda era aceita universalmente, e a unidade cultural helenístico-romana permitia que um viajante que conhecesse grego e latim fosse entendido em toda parte”¹².

Por terra os deslocamentos podiam ser feitos a pé, a cavalo, de burro ou camelo. Pessoas do estrato superior viajavam em carruagens ou charretes puxadas por cavalos ou mulas. As viagens marítimas eram mais rápidas e confortáveis que as viagens por terra. Sem a ameaça dos piratas, o único perigo eram os naufrágios. Quando os ventos sopravam a favor, uma viagem de Roma a Alexandria, por exemplo, podia ser feita em dez dias.

Viajantes mais frequentes eram os que estavam a serviço do governo romano: mensageiros oficiais, embaixadores de cidades, governadores de províncias, administradores da justiça e soldados romanos. Em seguida vêm os comerciantes: donos de embarcações, compradores e vendedores de produtos e mercadorias. Diretamente relacionado com a função comercial está o deslocamento de escravos a serviço de seus patrões. Além disso, também viajavam curiosos, atletas, artistas, peregrinos religiosos, filósofos itinerantes, mestres, taumaturgos e turistas¹³.

8. WENGST, 1991, p. 25.

9. STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 31.

10. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2004, p. 117.

11. KEE, Howard Clark. *As origens cristãs em perspectiva sociológica*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 85. Por mobilidade social entende-se o movimento de pessoas e grupos de um estrato, posição, classe ou mudança de ocupação e profissão que implicam em deslocamentos.

12. STAMBAUGH; BALCH; 1996, p. 31.

13. STAMBAUGH; BALCH; 1996, p. 34.

2.1 *Ásia Menor*

Numa inscrição encontrada na cidade de Halicarnasso, Augusto é elogiado como o “salvador de todo gênero humano”. A cidade atribui a Augusto a *pax romana* vivida na *Ásia Menor*. Esta paz, umbilicalmente ligada ao Império Romano, tem seu epicentro no comando central de Roma¹⁴. “Terra e mar têm paz, as cidades florescem em boa ordem legal, em harmonia e com abundância de víveres; tudo o que há de bom existe em estado maduro e abundância, os homens estão cheios de esperanças felizes no futuro e de alegria no presente”¹⁵.

Foi na *Ásia Menor* que a *pax et securitas romana* teve maior impacto. Além do assentamento de colônias militares (Galácia), a migração para esta região também foi fomentada pela intensa atividade comercial e pelo movimento das religiões.

As condições sociais, econômicas e políticas proporcionadas pela dominação romana na *Ásia Menor*, na passagem da primeira para a segunda metade do primeiro século da era cristã, foram fundamentais para a disseminação de práticas religiosas das mais diferentes orientações. Além disso, também contribuiu significativamente para intensificar o fluxo migratório a presença de judeus “em toda parte do Império Romano e para além de suas fronteiras orientais, na cidade e no campo”. Documentos dão conta de que os judeus espalhados pelo mundo exerciam as mais diversas funções, como “policiais, magistrados, mascates, coletores de taxas”. Estavam representados em todas as camadas sociais. Havia judeus proprietários de terra, camponeses, agricultores, comerciantes, banqueiros, escravos e artesãos. Estima-se que “um quinto da população do Mediterrâneo oriental era de judeus”¹⁶. Esta presença massiva de judeus no império contribuiu decisivamente no processo migratório desencadeado pela missão na Igreja primitiva.

3. Paulo

A era de Augusto não somente foi saudada como um tempo de paz e prosperidade. Ela também criou as condições que viriam a ser aproveitadas no processo de expansão da fé cristã. O testemunho legado pela tradição cristã confere um papel de destaque a Paulo nessa empreitada. Embora a missão também tenha sido realizada por cristãos anônimos, os testemunhos mais consistentes atribuem ao menos três viagens missionárias a Paulo.

Missão e migração não são apenas duas palavras que rimam no seu início e final. De fato, são duas palavras que se complementam. Em boa medida, a mis-

14. WENGST, 1991, p. 17.

15. WENGST, 1991, p. 18.

16. STAMBAUGH; BALCH; 1996, p. 40.

são realizada na Igreja primitiva acontece no embalo dos fluxos migratórios da época. Além disso, a missão também está direcionada para as pessoas migrantes. Comunidades cristãs são desafiadas a lidar com a realidade da migração e a presença de migrantes em seu seio (1Pd).

3.1 *As viagens missionárias*

A discussão acerca de quantas foram efetivamente as viagens missionárias realizadas por Paulo continua. Tomando por base o livro de Atos dos Apóstolos, mesmo considerando as reservas feitas por pesquisadores acerca da autenticidade das informações do livro, no terceiro período de sua vida, Paulo realizou três viagens missionárias. O apóstolo mesmo nos informa que realizou muitas viagens:

Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. ²⁶Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos (2Cor 11,25-26)!

As viagens de Paulo nos oferecem um pouco do colorido das condições e oportunidades de deslocamentos enfrentados pelos mais diferentes tipos de migrantes daquele tempo. “Paulo andou por terra e por mar. Milhares de quilômetros”¹⁷. Hospedagem havia somente nas grandes estradas do império e distantes 30 quilômetros uma da outra.

“Durante doze ou treze anos, ele andou assim, percorrendo as grandes cidades do império: Antioquia, Atenas, Corinto, Éfeso, Roma”¹⁸. Nessas suas andanças Paulo se defrontou com cidades e lugares muito diferentes de Tarso e da Palestina onde havia vivido. O jeito grego de viver destas cidades logo revelou o valor do legado que sua cidade natal, Tarso, lhe havia proporcionado. Além da língua grega, a familiaridade com a mentalidade helenista lhe foi extremamente oportuna.

O maior problema durante as viagens era o sustento. “Naquele tempo, percorrer uma distância de 600 quilômetros levava no mínimo vinte dias, a uma média de trinta quilômetros por dia”¹⁹. Para contornar as dificuldades de manutenção, Paulo e seus companheiros interrompiam a viagem e paravam para

17. MESTERS, Carlos. *Paulo apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 37.

18. MESTERS, 1991, p. 38.

19. MESTERS, 1991, p. 41.

trabalhar. Assim que reuniam os recursos suficientes, a viagem era continuada (At 20,33-34).

Conforme Atos dos Apóstolos (13,1-3), a primeira viagem começou quando o apóstolo deveria ter em torno de quarenta anos de idade, lá pelo ano 46 da era cristã. A terceira terminou com sua prisão na praça do templo (At 21,27-34), no ano 58.

O próprio apóstolo nos diz: “desde Jerusalém e arredores até a Ilíria, eu levei a termo o anúncio do Evangelho de Cristo²⁰, fazendo questão de anunciar o Evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido, para não construir sobre alicerces lançados por outros” (Rm 15,10-10).

Quando Paulo começou suas andanças Cláudio (41-54) era o imperador. No final, o imperador era Nero (54-67). Embora Jerusalém ocupe um lugar central nos dois livros atribuídos a Lucas, especialmente pelo dia de Pentecostes (At 2,8-11), o esquema gráfico do autor fez de Antioquia o quartel-general de Paulo. Todas as viagens missionárias partiram de Antioquia (At 13,1-3; 15,36-40; 18,23).

Em cada viagem Paulo segue a mesma estratégia. Ao chegar a uma nova localidade, primeiro procura por uma sinagoga (At 13,5; 17,2; 19,8). A partir da sinagoga passa a estabelecer contato também com não judeus (At 13,16; 17,17). O fato de reiteradamente ser rejeitado por judeus e aceito por pagãos faz com que Paulo cada vez mais volte sua atenção aos últimos, pois estes o acolhem com alegria (At 13,46-48; 19,9-10).

Na primeira viagem, Paulo não fica muito tempo no mesmo lugar, mas vai seguindo, de cidade em cidade. No início, o método é este: chegar a um lugar, anunciar o Evangelho, criar comunidade, e seguir em frente. Na segunda viagem, ele continua andando de cidade em cidade, mas, ao mesmo tempo, já fica mais tempo num mesmo lugar: “um ano e seis meses” em Corinto (At 18,11). Na terceira viagem, é o contrário da primeira. Ele vai direto para Éfeso (At 19,1.8-10) e lá se fixa por três anos (At 20,31); em seguida, mais três meses em Corinto” (At 20,3)²⁰.

Durante os treze anos de peregrinação Paulo andou por muitos lugares e regiões. A lista de Atos dos Apóstolos menciona Chipre, Pisídia, Licaônia, Judeia, Fenícia, Samaria, Frígia, Síria, Cilícia, Mísia, Macedônia, Grécia, Acaia, Ásia e Roma. “É muita gente, e gente diferente! Em cada lugar outro povo, outro costume, outra comida, outro trabalho, outra sinagoga”²¹.

20. MESTERS, 1991, p. 49.

21. MESTERS, 1991, p. 48.

3.1.1 O Concílio Ecumênico

O concílio ecumênico de Jerusalém revela o quanto o encontro de povos, raças, culturas e religiões podem desencadear conflitos. A entrada de cristãos não judeus na comunidade cristã provoca uma nova forma de compreender os alcances da proposta de Jesus. Enquanto judeus esperavam que os costumes e as práticas dos judeus também fossem observados pelos cristãos não judeus, Paulo forneceu uma contribuição decisiva às discussões ao afirmar que aos cristãos não judeus não cabe obediência à lei de Moisés e à circuncisão (At 15,2-4; Gl 2,1-2).

O que chama atenção no encaminhamento da solução ao impasse apresentado aos apóstolos é o ponto que tanto o grupo de Paulo e Barnabé quanto o de Pedro, Tiago e João têm em comum: o cuidado com os pobres (Gl 2,9-10).

Considerações finais

Os migrantes de hoje estão testemunhando o quanto o encontro com culturas, regiões e povos diferentes pode se constituir efetivamente num desencontro. A presença indesejada de migrantes em diferentes continentes e cidades do mundo atual revela o quanto fenômenos migratórios podem ser desencadeadores de conflitos e situações que tornam migrantes vulneráveis e expostos a situações humilhantes.

Embora não seja possível dizer que uma viagem seja igual a migração, em geral, os processos migratórios têm seu ponto de partida na decisão de viajar. Nem toda viagem culmina num fenômeno migratório. Porém, todo processo migratório pressupõe um deslocamento espacial.

Também não é possível igualar o que acontece em termos de migração na sociedade moderna com o que se pode dizer acerca da relação das viagens missionárias de Paulo com o fenômeno migratório de seu tempo. Embora correlações possam ser estabelecidas, é necessário guardar as devidas proporções. As motivações que levaram Paulo a percorrer longos caminhos e cruzar fronteiras não são as mesmas que movem os pobres do mundo em busca dos grandes centros consumidores da Europa e da América.

O que o processo migratório desencadeado por Paulo e seus colaboradores e colaboradoras nos permite constatar é que a migração também se apresenta como uma oportunidade de vida, de trabalho e de opção religiosa. Sem a atividade missionária de Paulo e da Igreja primitiva, as pessoas, os povos e culturas alcançados pela pregação dos apóstolos e apóstolas talvez não teriam logrado conhecer Jesus e a proposta do Evangelho. Ainda que esta compreensão seja inerente à concepção missionária cristã, ninguém está impedido de testemunhar acerca de sua crença, nem mesmo de transpor fronteiras para testemunhá-la, desde que respeitada a crença alheia.

O esforço de Paulo em levar e testemunhar o Cristo crucificado às principais cidades da Ásia Menor e Europa vem carregado das dificuldades, desafios e conflitos inerentes a qualquer processo migratório. As barreiras superadas e os processos de humanização e acolhimento desencadeados no contexto das comunidades primitivas podem também servir de alerta e esperança no enfrentamento das questões migratórias que desafiam as sociedades de nosso tempo.

Flávio Schmitt

Rua Borges de Medeiros, 418
93030-200 São Leopoldo, RS
E-mail: flavio@est.edu.br

Bibliografia

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. v. 2. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2010.

KEE, Howard Clark. *As origens cristãs em perspectiva sociológica*. São Paulo: Paulinas, 1983.

KLEIN, Renate Andrea. “Todas as pessoas são estrangeiras – em quase todos os lugares”: aspectos da teologia pós-exílica nos exemplos de Rute e de Jonas”. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 196-212, dez. 2011.

MESTERS, Carlos. *Paulo apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel: vol. 1: local e origens*. 3. ed. com alterações e ampliações. São Leopoldo: Oikos, 2008.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

WENGST, Klaus. *Pax romana: pretensão e realidade – Experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1991.